

EDUCAÇÃO E EFEITOS DE VERDADE NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19

Juan Monteiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo de cunho descritivo e caráter exploratório trata-se de um trabalho ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso (doravante AD) pecheutiana. Pensada a partir de inquietações sobre as derivações de sentido sobre o espectro político-ideológico em dissertação de mestrado em andamento inserida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). O dispositivo teórico-analítico buscou responder à questão de pesquisa que indaga quais os principais desafios para educadores após as mudanças mais recentes provocadas pela pandemia do coronavírus? De modo específico, os objetivos se subdividiram em identificar as noções de saberes e conhecimentos de fatos e verdades diante dos sentidos atribuídos aos discursos que circulam nos meios digitais; compreender a constituição da forma-sujeito contemporâneo com relação aos efeitos de verdade no contexto pandêmico-digital da COVID-19 consoante ao caráter político-ideológico em evidência; e problematizar os desafios da educação em seus diversos contextos como processo emancipatório, estabelecendo recortes (unidades de sentidos) sobre efeitos de verdade relacionados ao coronavírus em redes digitais. Os sentidos atribuídos às “novas” verdades/conhecimentos re-produzidos em redes digitais são tomados como objeto central que se constitui a partir da problemática da educação nas entrelinhas do discurso ordinário que circula nestas redes.

Palavras-chave: COVID-19; Educação e efeitos de verdade; Forma-sujeito.

Introdução

Com o advento das tecnologias e o consequente encurtamento do espaço-tempo proporcionado por estas redes digitais foram potencializadas a re-produção de sentidos que circularam e continuam circulando em níveis cada vez mais acelerados (BAUMAN, 2001). Trata-se de um fenômeno ao mesmo tempo social, digital e global que se intensifica cada vez mais em redes sociais na repercussão de polêmicas, na viralização de tendências, na disseminação de notícias, na propagação dos novos meios de produção da era digital, dentre tantos outros âmbitos, bens de consumo e serviços de caráter técnico. No entanto, tendo como base a mais nova conjuntura política, social, econômica e sanitária provocada pela expansão da pandemia do coronavírus, foi possível observar a intensificação do compartilhamento de enunciados que proliferam ideais neoconservadores em redes sociais.

O caráter viral da COVID-19 parece ter afetado as redes digitais diante de todo este contexto e assim o indivíduo interpelado em sujeito por determinadas formações ideológicas (FIs) entra em cena na disputa por um sentido dominante. O sujeito mais ou menos confinado

– que concorda ou discorda do confinamento – agora se coloca entre o discurso “polêmico e autoritário” (ORLANDI, 2001) para defender ou acusar a crise social-política-econômica-sanitária tomando como referente os dizeres de autoridades da cena político-partidária. Toda esta “crise” atravessa questões já debatidas anteriormente no Brasil contemporâneo. Dentre elas, os modelos e propostas da educação básica e superior, por exemplo.

Educadores de todas as áreas e cidadãos de modo geral disputavam a dominação do sentido sobre o que deve ser mantido ou mudado. Nós educadores e/ou representantes da comunidade acadêmica/científica, discutíamos as impossibilidades de um modelo de educação cívico-militar proposto por seus defensores, debatíamos sobre *fake news* que atacavam e responsabilizavam educadores ou instituições tanto do nível básico como do nível superior, e protestávamos sobre o descaso do atual governo federal com relação a educação apontando a consequente importância de suas melhorias que somente seria viável com investimentos adequados. Estas e outras questões que tematizavam embates em redes sociais acabaram sendo “minimizadas” com a chegada da pandemia, caindo no esquecimento dos sujeitos que defendiam o que acusavam. O contexto trouxe novas demandas e assim antigos embates foram “maximizados” como é o caso da Educação a Distância (EaD) que divide opiniões sobre a sua ampliação, mas esta questão veio deslocada. Em outros termos, a problemática do antigo embate acerca da EaD foi “redimensionada”, pois passou a ser comum defensores da EaD defenderem o retorno das aulas presenciais preocupados com questões econômicas e políticas, enquanto que muitos dos críticos a ampliação desta modalidade passaram a aceitá-la em nome da preservação da vida e continuidade das atividades educacionais institucionalizadas.

Desse modo, levantou-se a questão de pesquisa, indagando quais são os principais desafios para educadores após as mudanças mais recentes provocadas pela pandemia do coronavírus? Para tanto, inicialmente foi realizado um levantamento teórico para identificar as noções de saberes e conhecimentos de fatos e verdades diante dos sentidos atribuídos aos discursos que circulam nos meios digitais. Em seguida, os referenciais são direcionados para a compreensão da constituição da forma-sujeito na contemporaneidade com relação aos efeitos de verdade no contexto pandêmico-digital da COVID-19 consoante ao caráter político-ideológico em evidência.

Por fim, veio à tona a problemática da educação em seus diversos contextos como processo emancipatório a partir da análise de recortes sobre os efeitos de verdade relacionados ao coronavírus em redes digitais.

O digital e as novidades em saberes e conhecimentos da contemporaneidade

Atualmente, tem sido comum para o sujeito acreditar ser possuidor de conhecimentos/saberes que circulam facilmente com os sentidos ofertados pelo meio digital (BAUMAN, 2001). No entanto, conforme explica Pêcheux (1995) – não necessariamente sobre o sujeito do âmbito digital, mas com relação a todo e qualquer sujeito –, este sujeito é suscetível ao que o autor define como esquecimentos 1 e 2. No esquecimento nº 1, de forma totalmente inconsciente, reside a crença de ser o dono de seu dizer, quando na verdade o sujeito é interpelado ideologicamente por formações discursivas (FDs) que o dominam. De todo modo, diante da ordem discursiva que o domina, há espaços para reformulações por parte do sujeito ou, em outros termos, novos dizeres, paráfrases, novas formas de dizer o mesmo, de estar preso a um sentido dominante. Trata-se do esquecimento nº 2.

Deparamo-nos, no contexto digital, com informações ou notícias falsas que se tratam do que conhecemos como *Fake News*. A diferença entre notícia e informação é que notícias são informações atuais. No entanto, “cabe registrar que, ao ser publicada, a notícia ganha estatuto de um novo real, passando ela própria a significar.” (MOTTA, 2002, p. 318). Em seu caráter informativo ou em se tratando de fato da informação, “o que permite construir e modificar as relações entre interlocutores, seus enunciados e seus referentes”, segundo Maingueneau (1989, p. 20). As evidências que marcam os fatos e verdades são mutáveis de acordo com as condições de produções de um dado lugar histórico, social e ideológico de um dado período onde um discurso dominante legitima suas evidências. Desse modo, o arquivo que legitima estas evidências são os arquivos de informação de Outro lugar – o interdiscurso.

Através da produção e reprodução de determinados arquivos, muitas instituições disseminam sua ideologia como algo legitimado por ela própria e consequentemente pelos sujeitos que a constituem. Em muitos casos os sujeitos pertencem a várias instituições, incluindo instituições que produzem valores contraditórios. É o discurso autoritário em ação, colocando os sujeitos em posições ambíguas. Nas palavras de Pechêux (1993, p. 58-59), “frequentemente em torno de nomes fundadores – em torno dos arquivos textuais, surgiram posições implícitas (de grupos, de escolas, e até “igrejinhas”) que se acotovelam numa relação ambígua de concorrência, de alianças parciais e de antagonismos disfarçados”. No contexto digital mais recente, esses dizeres foram maximizados como proposta política eleitoral/partidária que tem atravessado os sujeitos diante de várias questões de cunho científico, colocando em dúvida a veracidade da ciência, minimizando-a.

A presente pesquisa busca analisar os desafios para a educação institucionalizada diante dos efeitos de sentidos re-produzidos em redes digitais, tendo como base questões político-ideológicas por meio de formações discursivas sobre questões polêmicas e os novos contornos da educação a partir da pandemia do coronavírus. Estes sentidos transitam desde o discurso ordinário – “ordinário do sentido” (PÊCHEUX, 1995, p. 49) – até o discurso científico havendo espaços para conflitos ideológicos que questionam a legitimidade das ciências, inclusive sugerindo novos saberes e conhecimentos que as contradizem. Contradições compreendidas aqui como explica Althusser (1985) no sentido de estarem associadas as sobre-determinações, não por uma via dicotômica e/ou exatamente opostas, mas por diferentes vias que possuem diferentes naturezas históricas, sociais e ideológicas.

Nesses âmbitos digitais cheios de sentidos que circulam e de disputas pela dominância de sentidos mora o perigo do discurso reacionário junto e da provável identificação por parte do sujeito que pertence a grupos ou classes subalternos. Por este viés, foi determinada grande questão da pesquisa sobre os desafios para os educadores frente a este tipo de identificação que se contra-identifica com as ciências humanas e sociais em especial, com grupos ou classes minoritários/subalternos que buscam igualdade, com universitários e/ou professores taxados de doutrinadores, etc. Toda problemática exige a compreensão desta identificação, vista aqui também como problemática desde que seja pela via hegemônica/reacionária, muito próximo do que explica Barbosa através dos ideais chauvinistas/integralistas pautados num nacionalismo exacerbado:

A concepção da ideologia integralista, como expressão dos valores chauvinistas que marcaram as primeiras décadas do século XX, desde sua gênese, defende a instauração de um estado centralizador baseado numa lógica corporativista sob a base de valores marcados pelo fundamentalismo religioso. O modelo de “Estado Integral” [...] é um modelo autocrático (BARBOSA, 2015, p. 37).

Segundo Pêcheux (1995), não existe prática sem sujeito, seja prática discursiva ou não. Assim sendo, a “prática discursiva levará necessariamente à questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito” (Ibidem, p. 214). A forma-sujeito se constitui através do processo em que o sujeito se identifica por formações que o dominam, sendo interpelado em sujeito falante, que se posiciona. Neste ponto, Pêcheux (Ibidem) estabelece duas modalidades, sendo elas o bom sujeito – que se trata do sujeito universal, que é interpelado pelo discurso universal, o “já lá”, o pré-construído e estabelecido aos sujeitos no

interdiscurso – e o mau sujeito – que é o sujeito da enunciação, aquele que se volta contra o sujeito universal, os dizeres universalizados, tomando assim uma posição, aquele que se contra-identifica com o interdiscurso. De modo mais eficiente, mais próximo da razão surge uma terceira modalidade que se dá através da transformação-deslocamento da forma-sujeito, chamada de “desidentificação”, que “se realiza paradoxalmente por um *processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas “de tipo novo”*” (Ibidem, p. 217).

De acordo com as preocupações evidenciadas até aqui, compreende-se como bom sujeito aquele que se identifica com as formações discursivas e ideológicas (FDs e FIs) hegemônicas/reacionárias. Não obstante, há também uma preocupação com relação ao mau sujeito, que se contra-identifica num outro sentido com os dizeres universais já conquistados pelas ciências em embates anteriores por sentidos dominantes ao longo da história – os saberes e conhecimentos que foram reconhecidos quase que de modo geral como verdades e/ou fatos. Conforme Pereira (2020), em se tratando de Brasil, os efeitos de sentidos da ordem discursiva reacionária atuam em diversos sentidos tanto com um contraste mais conservador que atravessa o contexto digital como no tocante a questões que possuem relação com as formas como se compreendem a ciência em solo tupiniquim.

Considerando os aparelhos ideológicos existentes no âmbito digital, há um caráter disruptivo em jogo, para controlar os sujeitos por meio de circulação instantânea – forte característica da dinâmica capitalista. Quando o discurso reacionário assume o estatuto de enunciado com “novas verdades”, efeitos de verdades – entendidos na pesquisa como os efeitos de sentido de movimentos anti-ciência –, compartilhados em massa, o neoconservadorismo se fortalece cada vez mais segundo a lógica de exploração capitalista. O neoliberalismo do ponto de vista econômico tem sido apontado como uma importante saída para tudo aquilo que é considerado como excesso de informações. A desidentificação é necessária neste contexto e se trata de um grande desafio para a educação, principalmente em se tratando das complicações trazidas pelo COVID-19, quando tem sido compartilhada a falsa ideia de que vidas dependem da economia, que a economia não pode parar.

O discurso reacionário no contexto pandêmico

Apesar de ao longo da história os discursos de fatos, verdades e certezas serem construídos através da lógica da informação, há nuances que os ideologizam deslocando-os para uma lógica reacionária pautada na dominação favorável a grupos e classes hegemônicas.

As formas de legitimação do discurso capitalista caminham na direção de uma lógica binária e/ou de algoritmo que transita nos diversos espaços, sobretudo no meio digital com a ideia de lucro, inclusive com relação aos arquivos que já eram considerados fatos e verdades. Eis a lógica da informação, que é muito mais valiosa para as grandes corporações que dominam e disseminam sentidos através de algoritmos.

Volto aqui ao esquecimento pecheutiano nº 2, em especial para tratar sobre os efeitos de verdade não somente por uma via ideológica de exploração dos meios de produção, mas também para tratar do discurso ordinário e seus efeitos de sentidos pautados em boatos. Sobre este tipo de discurso, é possível afirmar que ocorre a partir das “materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido” (PÊCHEUX, 2015, p. 49). Neste sentido, o esquecimento nº 2 “produz em nós a impressão de realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo” (ORLANDI, 2013, p. 35). Este tipo de equívoco aliado aos sentidos em jogo nas redes digitais tem repercutido de modo negativo para a comunidade científica e acadêmica pela simples repercussão de boatos que circulam de diversas formas – organizadas por pequenos e grandes grupos institucionais ou não mais ou menos da seguinte forma:

Percurso de migração de sentidos, o boato configura um sítio de significação em litígio, inexistente, mas ainda não estabelecido; o boato circula no anonimato, de forma geral, publicamente. Em diferentes versões, formas de um dizer indistinto. Realidade presumida que precede o estabelecimento de um dizer bem ancorado na ordem do discurso, derivando de uma relação consistente do real da história com o real da língua. (ORLANDI, 2012b, p. 138).

A materialidade concreta da internet constituiu um espaço que fez perder a legitimidade de arquivos aceitos como fatos e verdades num dado espaço-tempo (tanto da notícia a curto prazo como da informação a médio e longo prazo). As formas de produção do real que foram materializados pela ciência em arquivos para direcionar a produção do saber e do conhecimento com base nos fatos e verdades que foram legitimados em um dado lugar histórico-social-ideológico em que a ciência conseguiu prevalecer a outros discursos, perde sua legitimidade/validade com os contornos dos efeitos de verdade pautados na anti-ciência.

Em outros termos, a formação discursiva (FD) anti-ciência que aparece mais adiante na análise do *corpus*.

Militantes da direita conservadora extremista e contemporânea, que se respalda num discurso anticorrupção, em favor da família “tradicional”, dos “bons” costumes, da defesa do patrimônio privado, do livre mercado, etc., falam em nome de vertentes ideológicas que tomam como base ora o patriotismo, ora o nacionalismo. Estas vertentes são tidas como verdades que devem prevalecer até com relação aos fatos que já foram legitimados cientificamente. Em muitos casos, “identificados nos meios de comunicação de forma generalizante como segmentos de extrema direita, portadores de concepções nacionalistas radicalizadas que muitas vezes apresentam-se como justificativas para ações segregadoras e violentas” (BARBOSA, 2015, p. 21). Há algumas nuances neste sentido, pois apesar de serem identificados como grupos nacionalistas, pregam a defesa uma determinada cultura e de valores – características do patriotismo. Em outros termos, como afirma o Barbosa (2015), um nacionalismo chauvinista.

Direita conservadora extremista, nacionalistas chauvinistas ou (neo)conservadores, são termos que certamente não darão conta das rupturas que atravessam o sujeito interpelado pelo discurso reacionário. Diante de todos os termos e sentidos que sofrem variações e derivações chagando a ser “opaco”, “escorregadio” ou “fugido” (ORLANDI, 2001), surgem novas formas de domínio que se intercalam num sentido reacionário. Um sentido que desloca e distorce os efeitos de sentido, em muitas das vezes até mesmo com relação a um ponto de vista já defendido por suas filiações discursivas e ideológicas. A verdade se torna outra, eis o efeito de verdade.

Vem a calhar o conceito de infodemia¹, que se refere a uma variedade de informações relacionadas as especificidades em questão. Tem uma forte relação com as *Fake News*, dada a variedade de informações que contradizem e/ou deturpam a verdade. Muitas destas informações são reproduzidas a partir de teorias da conspiração, que por sua vez são oriundas de intencionalidades e não aleatoriedades – algo característico da cosmovisão (BAKUN, 2003 *apud* ALMEIDA, 2018). A teoria da conspiração possui também um caráter

¹ Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS. Organização Mundial da Saúde - OMS. Repositório Institucional para Troca de Informações – Iris. Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19 [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020 [citado 2020 ago 3]. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em: 23 fev. 2021.

muito contagiante através de explicações que fazem sentido de alguma forma para os sujeitos dominados pelo discurso ordinário, seduzindo muitos sujeitos de forma viral.

A educação pública em seus diversos âmbitos, em especial no nível superior, tem defendido por décadas a educação como um direito que privilegie a emancipação do sujeito. Por outro lado, os efeitos de verdade, têm demonstrado muita força do ponto de vista reacionário na atualidade. Diante disto, o arquivo e o discurso científico/acadêmico têm perdido a validade, o poder. Os efeitos de verdade favoráveis as ideológicas reacionárias merecem uma atenção especial para a criação de estratégias que sirvam para combater a existência de subalternidade entre grupos ou classes.

Formação do *corpus*

A presente pesquisa se orienta a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da AD, tendo sua análise ancorada na formação do *corpus* discurso:

Definiremos um *corpus discursivo* como um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP do discurso. A constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas dos objetivos de uma pesquisa (COURTINE, 2014, p. 54).

Como explica o autor supracitado, o *corpus* discursivo é formado para uma análise pautada em questões delimitadas na pesquisa. Deste modo, as sequências discursivas (SDs) aparecem para estruturar a análise de acordo com os objetivos e a partir dos pressupostos já mencionados. Em outros termos, a AD pecheutiana é utilizada como dispositivo teórico-analítico realizando-se a análise através de recortes (unidades de sentido). No caso do presente trabalho, os recortes foram feitos a partir de *Print Screen*² realizado em uma rede social oficial do presidente da república Jair Bolsonaro.

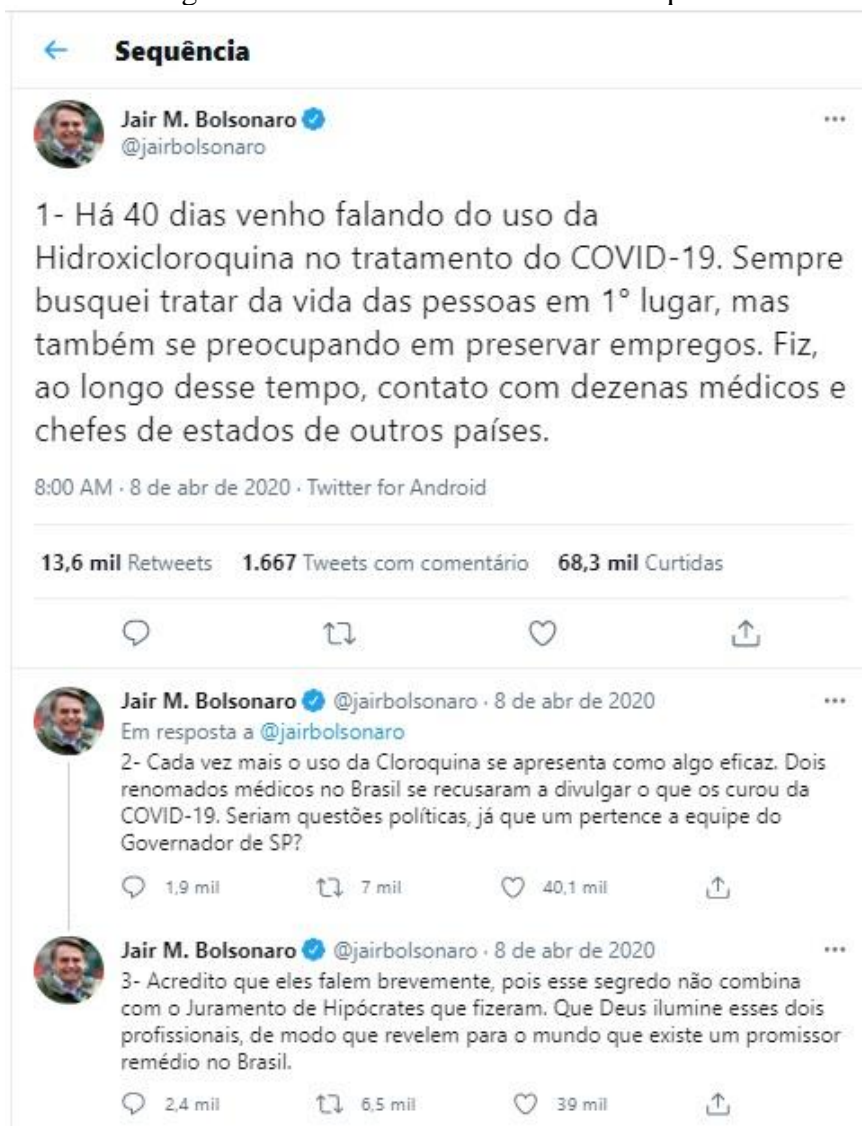
Análise do *corpus*

A análise do *corpus* se deu a partir de um *Print Screen* realizado a partir de algumas postagens no *Twitter*, realizadas em sequência em rede social oficial do Jair Bolsonaro, atual presidente da república. Realizadas em abril de 2020, as publicações são sobre uma postagem

² Recurso utilizado em dispositivos digitais para capturar imagens em exibição na tela.

enumerada acompanhada de mais duas respostas também enumeradas em sequências pelo mesmo sujeito do discurso³:

Figura 1 – O efeito de verdade da cloroquina



Fonte: *Print do Twitter*⁴

A figura 1 serviu para que fossem recortadas unidades de sentido específicas sobre trechos fundamentais para a compreensão dos efeitos de sentidos contidos nos enunciados.

³ Entende-se aqui por sujeito do discurso o sujeito que ocupa uma posição discursiva num dado lugar social-histórico-ideológico. Não necessariamente o sujeito empírico “Jair M. Bolsonaro”, mas a posição-sujeito que designa a materialidade discursiva no/do recorte da Figura 1. Cabe, inclusive, uma reflexão acerca de toda articulação por trás deste(s) recorte/discursos que podem ter sido ou não realizados pelo sujeito empírico (o presidente), havendo a possibilidade ser de autoria de outro de sua equipe. No entanto, há um contexto ideológico e a análise gira em torno do lugar discurso com o propósito de capturar os efeitos.

⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1247841886917791745>>. Acesso em 15 fev. 2020.

Deste modo, com base no primeiro enunciado foi estipulado um recorte copiado na íntegra com alguns grifos criados essencialmente para a análise:

Recorte 1

1- Há 40 dias **venho falando do uso da Hidroxicloroquina** no tratamento do COVID-19. Sempre busquei tratar da **vida das pessoas em 1º lugar**, mas também se **preocupando em preservar empregos**. Fiz, ao longo desse tempo, contato com dezenas de médicos e chefes de estados de outros países (Bolsonaro, 2020, grifo nosso).

Com base no “paradigma indiciário” de Ginzburg (1989), ou seja, conforme indícios e/ou marcas discursivas, os grifos indicam os efeitos de sentido capturados com base na posição-sujeito. A partir destes indícios propõe-se algumas sequências discursivas (SDs) que criam os efeitos de sentidos aqui delimitados logo a seguir.

A SD1 “venho falando do uso da Hidroxicloroquina” indica a posição-sujeito daquele que vem alertando a população com relação a uma suposta cura para a COVID-19. Em seguida, com a SD2 “vidas das pessoas em 1º lugar” pode parecer a princípio estar falando ainda sobre a urgência dessa suposta alerta/cura, mas a SD3 “preocupado em preservar empregos” indicia outro efeito de sentido, o de que os cidadãos precisam de um tratamento já encontrado e defendido pelo sujeito e de que existe uma outra preocupação diante da crise pandêmica: a de que as pessoas **precisam trabalhar** para manter seus empregos – a falsa ideia de que vidas dependem da economia. O circuito se fecha com o efeito de sentido de que o governo federal tratava de manter que é necessário um isolamento vertical: o efeito de que o governo **não precisa** dar assistência em momentos excepcionais como este, sendo cada sujeito responsável pela manutenção de seus empregos. Há mais sentidos em jogo, relacionados a determinados enunciados que circulavam antes como funcionando com uma ordem discursiva como, por exemplo, o negacionismo em torno da legitimidade de diversas ciências e da academia – instituições públicas de nível superior.

Buscando uma compreensão acerca das condições de produção do discurso, considerando todo o contexto – histórico-social-ideológico –, é possível refletir em torno dos valores burgueses da Revolução Francesa. O interdiscurso permite reformulações mutáveis, parafraseadas e mantidas na ideologia do Brasil contemporâneo. A liberdade plena do sujeito que não deve ser preso, mantido dentro de casa correndo o risco de perder o seu emprego. O sujeito que supostamente tem direito a igualdade e fraternidade também, no caso em questão

havendo uma cura e/ou tratamento para todos e que requer a união de todos para que a economia não pare e para que o governo seja a voz do povo nessa “empreitada” em nome do “cidadão de bem”. Eis os efeitos de verdade implícitos, para além dos indícios.

Esse efeito de liberdade plena do sujeito (que não existe) é da ordem discursiva que interpelada por diversas instâncias discursivas e ideológicas que produzem sentidos para estabelecer a forma-sujeito. De fato, o sujeito existe após a forma-sujeito ou, em outros termos, o indivíduo é interpelado em sujeito por formações que o dominam (ALTHUSSER, 1985; PÊCHEUX, 1995).

Recorte 2

2- Cada vez mais o uso da Cloroquina se apresenta como algo eficaz. Dois renomados médicos no Brasil se recusaram a divulgar o que os curou da COVID-19. **Seriam questões políticas**, já que um pertence a equipe do Governador de SP? (Bolsonaro, 2020, grifo nosso).

No recorte 2, os trechos em destaque, a SD4 “Cada vez mais o uso da Cloroquina se apresenta como algo eficaz”, possui relação com o “discurso ordinário, as novas materialidades do mundo pós-moderno que se concretizavam no discurso” (GREGOLIN, 2008, p. 27). Este discurso ordinário produzido em novas redes de significação são parte do funcionamento da ordem discursiva que produz o efeito de verdade. Na SD5 “médicos no Brasil se recusaram a divulgar”, mais uma vez é retomada a ideia de que o discurso científico perdeu sua legitimidade, o que, de certa forma, cria o efeito de sentido de que o sujeito – como apontado no recorte 1 – está sendo assertivo no tratamento da COVID-19, inclusive com relação a nomes renomados da medicina.

Na conquista da opinião pública, segundo Charaudeau (2016), o carisma pode ser “messiânico”, no sentido de que o sujeito que serve de corpo a este carisma é um sujeito tido como salvador, não necessariamente num tom sagrado. Há também o carisma “cesarista”, “com um *ethos* de “potência”” (DORNA, 1998 *apud* Ibidem, p. 82), ou seja, que corresponde a características relacionadas a um sujeito de coragem e/ou a uma energia incomum de um sujeito como, por exemplo, a virilidade em casos de homens, a hiperatividade, o desempenho atlético/esportivo, etc. Convém retomar os enunciados que circulam em torno do

interdiscurso: “Messias” – não somente em sobrenome, mas num sentido de salvador – e ao mesmo tempo o intradiscurso, o acontecimento: “histórico de atleta”⁵

Para a compreensão dos diversos discursos que circulam com caráter político é preciso haver um deslocamento com relação a natureza teórica e a natureza política, segundo Gregolin (Ibidem) e um contorno político é alocado a SD6 “Seriam questões políticas [...]?”. É revelada, neste sentido, a posição-sujeito com um questionamento direcionado ao governador do estado de São Paulo, com quem teria inúmeros embates político-ideológicos sobre a vacina em outras oportunidades posteriores. O negacionismo científico/acadêmico permanece maximizado acompanhado de contrastes que futuramente produziriam novos enunciados relacionados a campanhas anti-vacina. Aqui está mais um efeito de sentido que produz “novas verdades” através do que Pêcheux (1995) chama de “esquecimento nº 2”: os novos dizeres/reformulações que criam a ilusão de que o sujeito possui autonomia sobre o seu dizer diante do arsenal discursivo que se depara.

Um novo efeito de verdade estaria por vir com relação a veracidade da vacina que passa a ser questionável fazendo circular o enunciado: “vacina chinesa” e “vacina russa” como sendo vacinas que não merecem confiança por supostamente pertencerem a um plano de extermínio de populações; em outros momentos circulou o enunciado de que “pressa por vacina não se justifica” e; mais recentemente, com o agravamento do atraso de um plano de vacinação circulou-se que “nunca fui contra a vacina”, que contraria todos os boicotes explícitos anteriormente e implícitos da atualidade, o que infelizmente culminaria num trágico fim para milhares de brasileiros mortos por infecção da COVID-19 graças da falta de investimento em vacinas e campanha de vacinação. Define-se aqui a formação discursiva (FD) anti-vacina, que já estava sendo promovida desde então. Mais adiante retomamos esta FD com enunciados que possuem relação indireta com esta ordem discursiva.

Recorte 3

3- Acredito que eles falem brevemente, pois **esse segredo não combina com o Juramento de Hipócrates que fizeram. Que Deus ilumine** esses dois profissionais, **de modo que revelem para o mundo que existe um promissor remédio** no Brasil (Bolsonaro, 2020, grifo nosso).

⁵ Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (aos 3 minutos e 18 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE>. Acesso em 24 mar. 2020.

Os grifos indicam a SD7 “esse segredo não combina com o Juramento de Hipócrates que fizeram” e a SD8 “Que Deus ilumine [...] de modo que revelem para o mundo que existe um promissor remédio”. Na SD7 mais uma vez é posta em dúvida o profissionalismo de médicos, desta vez numa menção direta ao Juramento de Hipócrates⁶. Neste ponto, é revelada a posição-sujeito que questiona valores de instituições de nível superior e o da própria ciência, direta ou indiretamente. SDs como estas alimentam a circulação de sentidos cristalizados em enunciados como a existência de “doutrinação marxista-ideológica-partidária”⁷ e de “balbúrdia”⁸ em instituições públicas de educação no nível superior. Diga-se de passagem, estes enunciados são da ordem do discurso ordinário que re-produziu estes efeitos de sentido/verdade nas eleições de 2018 (ROCHA, 2021).

A ordem discursiva que repercutiu a partir de enunciados que negam as ciências e/ou o que se produz/faz nas universidades, tem disseminado uma ideia de que existe a necessidade de se policiar estes meios. Conforme Pereira (2002, p. 295), se trata de “concepção de “gerência” acadêmica que vem se naturalizando em nossas Universidades. À tradição taylorista, tal como um gerente que daria conta de toda a produção”.

Na SD8, a ordem discursiva busca respaldo na crença (cristã) produzindo um efeito de que a posição-sujeito está filiada ao Deus cristão. Retomando a circulação da ordem discursiva e seus efeitos de sentidos desde o período eleitoral de 2018, o *slogan* de campanha vinculado ao sujeito do discurso possui o enunciado “Deus acima de todos”. O efeito de sentido aqui é também o efeito de verdade, da pureza do discurso pautado no sagrado, do sujeito que crer em Deus e que pratica o bem, do “cidadão de bem”, de valores conservadores assimilados aos valores de direita, etc.

O negacionismo científico/acadêmico que apresenta a cloroquina/hidroxicloroquina, ivermectina, etc., como alternativa para vencer os males advindos da ciência não apenas sobre o discurso anti-vacina, da FD anti-vacina. Acontecem novas propostas para a educação num contexto político-ideológico de manipulação da opinião pública (CHARAUDEAU, 2016). Tal FD se filia a uma formação ideológica (FI) que tem privilegiado – não somente através do

⁶ juramento tradicionalmente realizado por médicos em solenidades de suas respectivas formaturas.

⁷ Um exemplo crucial para o entendimento da circulação deste sentido é o movimento Escola sem Partido criado desde 2004. Disponível em: <<http://escolasempartido.org/>>. Acesso em 25 fev. 2020.

⁸ Universidades foram consideradas espeço para balbúrdia, havendo ameaças de cortes de recursos. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/universidades-com-balburdia-terao-verbas-reduzidas-diz-weintraub/>>. Acesso em 25 fev. 2020.

discurso ordinário – valores de grupos ou classes dominantes. Esta FI neoconservadora reproduz efeitos de sentido em diversas instâncias além do negacionismo científico-acadêmico com propostas que permeiam a dúvida com sobre as ciências e escolhas pautadas em “novas saídas” como a do efeito de verdade em torno da cloroquina/hidroxicloroquina. Enunciados que buscam legitimar saídas pautadas em hipóteses como escola sem partido, escola cívico militar e educação domiciliar são exemplos específicos relacionados à educação básica que buscam respaldo em outros enunciados como a ameaça de um suposto “kit gay” e a manutenção dos valores da “família tradicional” (ROCHA, 2021).

Em nome da comunidade científica/acadêmica, é oportuno perguntar de que forma podemos fortalecer/maximizar o arquivo institucional destas áreas diante das “novas verdades” que surgem acompanhadas de “novas saídas”, de propostas pedagógicas? Cabe aqui pensarmos nos efeitos de verdade como algo característico da cultura de massa que se propaga através de meios digitais. Com base nos conceitos formulados por Umberto Eco (2015), é possível refletir acerca de formações discursivas e ideológicas que privilegiam as redes digitais/sociais/virtuais como sendo redes que promovem a liberdade e democratização dos sujeitos – tratam-se dos sujeitos “integrados” – enquanto outros acreditam que o sujeito é atravessado por uma lógica algorítmica/binária de mercado que perturba a razão habitual – tratam-se dos sujeitos “apocalípticos”.

Educadores e comunidade científica em geral tendem para o lado apocalíptico desde antes da pandemia sendo firmes na ideia de que a expansão da educação em contextos digitais não traria bons frutos. No entanto, após a aparição do coronavírus a educação teve que optar por expandir-se junto aos recursos tecnológicos que encurtam o tempo e o espaço. Por outro lado, os efeitos de sentido/verdade do contexto pandêmico possuem seu caráter apocalíptico e integrado no tocante a viralização/compartilhamento do que foi definido no presente trabalho – inclusive na análise do *corpus* – como discurso ordinário. Estes efeitos de sentido compartilhados em larga escala possuem um caráter viral muito mais acentuado que o discurso científico compartilhado. Vale aqui a ressalva de que a comunidade acadêmica/científica tem se mostrado muito fechada as outras comunidades antes mesmo da era digital. Precisamos nos mobilizar neste sentido e em contrapartida as “novas verdades”.

Considerações finais

As grandes plataformas digitais têm uma parcela significativa na manipulação das massas. Uma saída proposta por muitos intelectuais é a regulação destas grandes plataformas,

enquanto muitos sujeitos de forma bastante exagerada buscam a saída permanente das mesmas. No entanto, para a AD, o interessante não é o dilema das redes (o estranhamento ou não dos sujeitos com relação ao técnico usado para fins lucrativos e/ou do usuário manipulado). Para a AD é interessante pensar na circulação de sentidos relacionados às formas de assujeitamento oriundas das relações de re-produção/contradição capitalista.

Desse modo, constatou-se nas posições analisadas que diversas articulações discursivas foram estabelecidas para propiciar efeitos de verdade. Paralelamente a isto, conclui-se que os recortes e SDs em evidência tratam-se de uma ordem discursiva que foi delimita a partir de uma formação discursiva específica a FD anti-vacina. Esta FD se filia a uma formação discursiva também estabelecida na presente pesquisa, a FI neoconservadora que está pautada em vários outros valores relacionados aos discursos que foram cristalizados tonando-se enunciados que circulam facilmente – que viralizam – como 1) a circularidade relacionada a novas opções/saídas para educação básica: escola sem partido, escola cívico militar e educação domiciliar – ambas no sentido de proteção da ideologia conservadora pautada em acusações ou defesas em torno de outras circularidades como, por exemplo, kit gay e família tradicional; 2) a circularidade de que há certo descaso no nível superior: doutrinação marxista, balbúrdia e a necessidade de se cortar investimento neste âmbito, inclusive com relação a bolsas e cotas – neste ponto o reforço de FDs relacionadas a meritocracia e ao ataque a minorias dos mais variados tipos; 3) o mais recente negacionismo científico/acadêmico e o discurso anti-vacina, fazendo circular teorias da conspiração, ora em saídas alternativas que transitam entre a crença no divino e a crença em um líder que colocará os valores nacionalistas/patriotas conservadores à frente das decisões por um bem comum.

Conclui-se que a forma-sujeito que se constitui na identificação com os discursos compreendidos por muitos como “novas verdades” trata-se do indivíduo interpelado em sujeito por formações que são disseminadas em diversos contexto digitais com caráter conservador e viralizante. Os sujeitos integrados são facilmente pegos pelos efeitos de verdade altamente compartilhados e, neste sentido, os arquivos das ciências perdem seu poder diante do novo. A presente pesquisa propõe articulações com formas de virtualização do discurso científico/acadêmico, não necessariamente no sentido “integrado”, sem criticidade e refém dos meios digitais, mas distanciando do sentido “apocalíptico” que busca minimizar as redes de modo separatista, fechando-se para os sujeitos que não fazem parte de seu contexto. Há a necessidade de um redimensionamento do discurso científico-acadêmico. Neste sentido, retomando Pêcheux (1995), os sujeitos comprometidos com as ciências – em especial as

Humanas e Sociais – precisam se articular no sentido de promover ações que façam o outro se “des-identificar”, com os efeitos de sentidos reproduzidos em filiação com a FI neoconservadora – uma grande ameaça atual à emancipação de grupos e classes subalternos.

Referências

ALMEIDA, R. A. Notas para uma reflexão sobre as “teorias da conspiração”. **Ponto Urbe** 23, 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/5615>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Ed. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARBOSA, J. R. **Chauvinismo e extrema direita: crítica aos herdeiros do sigma**. 1. ed. São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Tradução por Pérola de Carvalho. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GREGOLIN, Rosário. J.-J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Rosário. (Org.). **Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 21-37.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências da análise do discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp; Pontes, 1989.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O que faz um acontecimento ganhar estatuto de notícia? In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: EdUnB, 2002.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012b.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso:** Estrutura ou Acontecimento. Tradução por Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2 E.d. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PEREIRA, A. C. Discursos sobre ciência, tecnologia e deslocamento de pesquisadores: o político e o científico se (des)encontram. **Revista Da ABRALIN**, v. 19, n 3, 2020, p. 289-309.

ROCHA, J. M. C. **Guerra cultural e retórica do ódio:** crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia, GO: Caminhos, 2021.

SOBRE O AUTOR

Juan Monteiro Andrade

Mestrando em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED); Grupo de investigação sobre narrativas, práticas letradas e discurso (GRINPRALED); Bolsista de Mestrado Acadêmico pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: juan_thecalling@hotmail.com